



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II À PEREGRINAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE NÁPOLES

*Sala Paulo VI
Sábado, 24 de Março de 1979*

Caríssimos Irmãos e Irmãs da Arquidiocese de Nápoles

Escutando a voz do vosso coração cristão e o convite do vosso venerado Pastor, o Cardeal Corrado Ursi, e dos vossos Sacerdotes, viestes ter com o Papa, numa peregrinação majestosa que me traz comoção. Sede bem vindos vós todos, trabalhadores e fiéis que encheis esta Basílica sem par.

E sede bem vindos também vós, estudantes e jovens, que na Sala Paulo VI estais agora ouvindo a minha voz, e com quem dentro de pouco terei também o prazer de encontrar-me. Enquanto falo, sinto-vos perto, embora a Basílica Vaticana não tenha bastante lugar para vos conter a todos.

Que vos hei-de dizer senão o meu "obrigado" pela vossa bondade? Que manifestar-vos senão o elogio da vossa fé?

Sim, dilectos fiéis de Nápoles. Fé religiosa e bondade de alma juntam-se magnificamente nas vossas tradições cristãs e nos vossos costumes de vida. E eu dirijo a vós aqui presentes, e a todos os vossos concidadãos, a minha saudação mais sentida e cordial: às Autoridades religiosas e civis; aos homens do estudo, da técnica e do trabalho; às mães de família; aos anciãos; aos jovens que assomam aos horizontes e às responsabilidades da vida; às crianças e aos meninos que alegam as famílias com a sua jovial confiança; aos doentes e aos que sofrem e a todos os que por qualquer motivo sentem algum desgosto na alma. Recebam todos a saudação do Vigário de Cristo.

A vossa Nápoles, tão sugestiva no maravilhoso espectáculo do céu e do mar, cheios de luz e de azul, é cidade fiel, é cidade boa, e é também cidade que sofre por tantos motivos, não sendo o último a insidiosa e funesta doença que subtraiu tão numerosas crianças ao afecto dos que tanto as amavam. E eu, como Pastor e Pai, comprazendo-me com a vossa fé e unindo-me à vossa dor, desejo recolher no meu coração todas as vossas alegrias e todas as vossas preocupações, dizendo cam o Salmista: Oh, como é bom e agradável viverem os irmãos em harmonia! (Sl 132, 1).

Nos primeiros tempos da Igreja, em Jerusalém, em Antioquia e em Roma, os cristãos iam ter com Pedro para ouvir a sua palavra, escutar as suas experiências, e delas tirarem coragem e fervor espiritual. Assim viestes também vós ouvir do Sucessor dele uma palavra de amor e de vida. E eu, inspirando-me no tempo quaresmal, que estamos vivendo, e na minha primeira Carta Encíclica, falar-vos-ei brevemente da presença de Cristo Redentor na nossa vida quotidiana.

1 — *Jesus é, primeiro que tudo, o sustentáculo do nosso sofrimento.*

O sofrimento é realidade terrivelmente verdadeira e às vezes mesmo atroz e dilacerante. Dores físicas, morais e espirituais afligem a pobre humanidade de todos os tempos. Devemos ser reconhecidos à ciência, à técnica, à medicina e às organizações sociais e civis que procuram de todos os modos eliminar ou pelo menos aliviar o sofrimento; mas ele fica sempre vitorioso e a derrota pesa sobre o homem aflito e impotente. Mais, quase parece que a maior progresso social corresponde um regresso moral, com a consequência doutros sofrimentos, receios e inquietações.

O sofrimento é também realidade misteriosa e perturbadora.

Mas nós, cristãos, olhando para Jesus Crucificado, encontramos a força para aceitar este mistério. O cristão sabe que, depois do pecado original, a história humana é sempre risco, mas sabe também que o próprio Deus quis entrar na nossa dor, provar a nossa aflição e passar através da agonia do espírito e da laceração do corpo. A fé em Cristo não destrói o sofrimento, mas ilumina-o, eleva-o, purifica-o, sublima-o e torna-o valioso para a eternidade.

Em qualquer pena nossa, moral ou física, olhemos para o Crucifixo. Reine, bem visível e venerado, o Crucifixo nas vossas casas. Só ele nos pode confortar e animar. Amemos o Crucifixo, como queria o vosso grande Teólogo e Doutor da Igreja, Santo Afonso Maria de Ligório.

2 — *Em segundo lugar, Jesus é o fundamento da nossa alegria.*

A alegria cristã é realidade não fácil de descrever, porque é espiritual e faz parte, ela mesma, do mistério. Quem verdadeiramente crê que Jesus é o Verbo Encarnado, o Redentor do homem, não pode deixar de experimentar no íntimo um sentimento de imensa alegria, que é consolação, paz,

entrega, resignação e alegria. Dizia o Salmista: Provai e vede como o Senhor é bom (Si, 33,. 9.). O filósofo e cientista francês Blaise Pascal, na famosa noite da conversão, escreveu no Testamento: "Alegria! Alegria! Choro de alegria!". Não apagueis esta alegria que nasce da fé em Cristo, Crucificado e Ressuscitado. Testemunhai a vossa alegria. Aprendei a gozar esta alegria.

— É a alegria da luz interior sobre o significado da vida e da história;

— É a alegria da presença de Deus na alma, por meio da "graça";

— É a alegria do perdão de Deus, por meio dos seus Sacerdotes, quando por desgraça se ofendeu o Seu amor infinito, mas depois, arrependido, se volta aos seus braços de Pai;

— E a alegria da expectativa da felicidade eterna, graças à qual a vida é entendida como "êxodo", peregrinação, embora não cessem às responsabilidades quanto ao andar do mundo.

Também a nós, como aos Apóstolos, diz Jesus: Digo-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo (Jo 15, 11). Ninguém vos poderá tirar esta alegria (Jo 16, 23).

3 — *Por fim, Jesus é a garantia da vossa esperança.*

O homem não pode viver sem esperança; todos os homens esperam em alguém ou em algo.

Mas, infelizmente, não faltam muitas decepções e, por vezes, raia-se mesmo pelo abismo do desespero. Mas nós sabemos que Jesus Redentor, morto, crucificado e gloriosamente ressurgido, é a nossa esperança. "Surrexit Christus spes mea!".

Jesus diz-nos que, apesar das dificuldades da vida, vale a pena comprometermo-nos com vontade tenaz e benéfica na construção e no melhoramento da "cidade terrestre", com ânimo sempre lançado para a eterna. O cristão consome-se na realização concreta do bem comum, vence o próprio egoísmo com o sentido da solidariedade e no • esforço pela promoção de tudo o que serve para a dignidade e integridade da pessoa humana. A Igreja é comunidade de "servidores" e cada cristão deve sentir-se chamado a tomar cada vez mais bela, mais unida e mais justa, a própria cidade.

4 — Dirigindo-me de modo especial a vós — caros trabalhadores, que viestes aqui numerosos e fervorosos — digo-vos: iluminai, de caridade e de esperança cristã, o vosso trabalho. De facto, que é o trabalho senão colaboração com o poder e o amor de Deus, para manter a própria vida e a tornar mais humana e mais conforme ao desígnio de Deus?

E, sendo assim, levai a vossa serenidade e a vossa confiança cristã ao local de trabalho. Elevai as vossas almas e oferecei a Deus as vossas fadigas.

O Papa está especialmente perto de vós, trabalhadores, participa das vossas preocupações e dos vossos problemas, ama-vos com afecto sincero e anima todas as iniciativas tendentes a favorecer as vossas legítimas aspirações.

A vós, trabalhadores, estende Jesus a sua mão de amigo, de irmão, de Redentor. Seja Ele sempre para vós luz, sustentáculo e conforto.

Com tais votos, invoquemos Maria Santíssima nesta solenidade litúrgica da Anunciação. Maria Santíssima, venerada em Pompeia com tanta devoção por multidões imensas, seja a vossa Mãe e a vossa Rainha, e faça de vós, cristãos cada vez mais convictos e coerentes.

A todos chegue, propiciadora e confortadora, a minha Bênção Apostólica.

© Copyright 1979 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana